

# Caminhar

RUI PINA COELHO

Não caminhamos sozinhos. Não caminhamos sozinhos. Custa, por vezes, lembrarmo-nos realmente disto. A aventura do capitalismo tardio no mundo ocidental foi-nos convencendo de que não há alternativas e que, bem feitas as contas e mais bem vistas as coisas, este será o melhor dos mundos possíveis. Individualistas, fomos construindo narrativas sociais e individuais colocando-nos barricados e isolados de um mundo que aparentemente conspira contra nós, que nos ignora ou que, simplesmente, não nos interessa ou não nos diz respeito. Mas não, não caminhamos sozinhos. Temos as vidas e as acções todas enoveladas umas nas outras e todos nós somos permeáveis uns aos outros. A crítica – a pobre crítica, a mal-amada crítica – é ainda, mesmo esfolada e esquecida, uma maneira de nos pôr em escuta e em diálogo alargado. É um músculo de resistência que precisa, contudo, de exercício. A crítica, creio, é como um reflexo que nos relembra a nossa condição gregária. Não será, pois, à toa, que estará em aguda agonia.

Neste terceiro número da série II da revista *Sinais de Cena*, dedicámos o Dossiê Temático à interpelação de «Teorias da Crítica», visando perscrutar o modo como diferentes teorias e discursos e práticas se posicionam face ao momento actual. Na chamada de artigos que lançámos no início do ano de 2017, escrevíamos:

A paisagem da crítica de artes performativas está em plena transformação. O advento das plataformas digitais e de novas formas de circulação global dos discursos, a crise dos suportes tradicionais de comunicação social, o carácter interdisciplinar e híbrido das práticas artísticas, a reconfiguração dos papéis atribuídos ao espectador e a redefinição das condicionantes profissionais para o exercício da crítica, tudo vem contribuir para uma profunda mudança naquilo que foram, ao longo da sua história, os seus formatos de apresentação, a sua função e os seus modos de operação. Este estado leva a que a crítica de artes performativas seja entendida, por um lado, como uma prática obsoleta e condenada à extinção ou, por outro, como um dos últimos redutos possíveis para uma intervenção livre na esfera pública.

Chegaram-nos diferentes contribuições que, não obstante as suas diversas proveniências e modelizações, confirmam uma mesma inquietação e uma mesma perseverança – a vontade de inquirir esta actividade que exercemos e enovelá-la com outras disciplinas e com outras práticas científicas e artísticas. Assim, Luiz Fernando Ramos (de São Paulo), Diana Damian Martin (de Londres) e Sergio Lo Gatto (de Roma) escrevem-nos sobre alguns dos desafios da crítica de artes performativas num futuro próximo. Respectivamente, perscrutam-se as suas reverberações na esfera pública e o modo como as artes tendem a resistir à contracção da sociedade; exploram-se modos de entendimentos da crítica como instrumento político; e discutem-se as alterações que a era digital em geral, e a existência das redes sociais em particular, têm provocado na maneira de perceber e produzir a crítica. Noutras contribuições ainda para a secção Dossiê Temático, Gustavo Vicente evoca o trabalho do AND\_Lab, da RE-AL, como exemplo de um projecto vocacionado para reflectir e agir de forma eticamente consciente; António Baía Reis questiona, provocatoriamente, a relevância da crítica de teatro em Portugal; e José Alberto Ferreira deixa uma impressiva evocação do crítico Manuel João Gomes (1948-2007).

No conjunto de ensaios reunidos neste número da revista – é significativo que alguns deles recuperem e dêem continuidade a momentos públicos de discussão sobre a questão do papel e da função da crítica, como é o caso do Grupo de Trabalho sobre «Choreography and Corporeality», na 57.ª conferência da IFTR – International Federation for Theatre Research, «Theatre & Stratification», em 2014 (Gustavo Vicente); o Colóquio Internacional de Crítica de Teatro: Lançar Diálogos: Crítica de Artes do Espectáculo e Esfera Pública, organizado pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em colaboração com a APCT – Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e o FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, em 2016 (Luiz Fernando Ramos e Bene Martins); e o ciclo «Do Teatro e da Política», integrado na iniciativa «Isto não É Uma Escola» no âmbito do FITEI, em 2017 (Diana Damian Martin). Encontra-se aqui, creio, um importante conjunto de textos que nos podem ajudar a alimentar e a robustecer a importante e urgente reflexão conjunta que parece cada vez mais inevitável entre nós: de que crítica podemos nós falar em Portugal?

Ainda no plano ensaístico, são debatidos e analisados vários espectáculos sob prismas muito diversificados: desde *Sul concetto di volto nel figlio di Dio*, de Romeo Castellucci, a criações do Chapitô, Teatro Meridional

ou Visões Úteis, de um ponto de vista de um espectador «estrangeiro»; passando pela evocação da obra de Gertrude Stein, Elfriede Jelinek ou Nazareno Tourinho; ou à performatividade *drag* no contexto da montagem do espectáculo *Vértices*, de Lara Couto, provando e demonstrando a extraordinária amplitude e inscrição social dos estudos de teatro e de artes performativas. Também nos Estudos Aplicados, será interessante continuar a acompanhar o pensamento de um autor como José Maria Vieira Mendes num ensaio sobre teatro e literatura, depois da publicação de *Uma Coisa não É Outra Coisa (Teatro e Literatura)* (2016); e será igualmente produtivo o regresso ao *Breve Compêndio da Arte Scenica ou Arte de Declamar* (1856), de Francisco Ângelo da Silva Veloso, conduzido pelo olhar criterioso de Guilherme Filipe.

Além das habituais críticas a espectáculos de teatro, nacionais e internacionais, das recensões a algumas obras de e sobre teatro publicadas mais recentemente, e da já indispensável lista de publicações de teatro do ano transacto, dirigida pela incansável Sebastiana Fadda, este terceiro número apresenta também, em longa entrevista conduzida por Alexandra Balona, uma das mais vibrantes artistas do panorama das artes performativas nacionais – a intérprete e coreógrafa Marlene Monteiro Freitas, galardoada com o importante Leão de Prata 2018, na área da dança, pela Bienal de Veneza.

Quanto ao Portefólio deste número, apresenta parte representativa do corpo cenográfico da companhia mala voadora, da autoria de José Capela e tal como ele tem vindo a ser fixado pela lente cúmplice do fotógrafo José Carlos Duarte. Um impressionante mostruário de uma das mais singulares companhias nacionais e de um dos mais talentosos cenógrafos da nossa paisagem teatral.

A manutenção de uma revista de estudos de teatro e artes performativas em Portugal é hoje, no contexto artístico e académico nacional, uma aventura praticamente insana. Não seria possível sem os apoios que temos vindo a conseguir. Desde logo, estamos extremamente gratos ao Apoio Directo Pontual à Edição 2017, da Direcção-Geral das Artes, mas também a dois parceiros institucionais de longa duração, os Teatros Nacionais D. Maria II e São João, com os quais vimos desenvolvendo actividades muito variadas no comum propósito de dar a conhecer o teatro que se faz em Portugal e que transcende estes dois lugares de criação. Terem-nos escolhido para publicitar algumas das suas actividades foi sempre, para nós, motivo de orgulho. Nesse sentido, dada a longevidade

e a fraternidade do apoio destas instituições, decidimos agora reconhecê-lo em ficha técnica, passando a *Sinais de Cena* a ser uma revista apoiada por estas duas instituições.

Mas a gratidão e reconhecimento estende-se também à empenhada equipa da editora Orfeu Negro – cujos membros são os primeiros a lembrarem-nos de que não caminhamos sozinhos. Porque, em rigor, nesta aventura não caminhamos sozinhos.